

Biografia de São Gaspar

I. Menino e moço

A 09/10/1777 em Verona (Itália) nasce Gaspar, primogênito de Luís e Brunora, ardentemente esperado. Tornou-se o centro das atenções, do carinho e esperanças de todos os parentes, porque fazia tempo que não nascia um varão Bertoni. Em 1783 brota a irmãzinha Matilde, que não viveu 4 anos.

O menino era de uma vivacidade inata, inteligência privilegiada, memória quase prodigiosa, maturidade precoce, alegre e inclinado às coisas de Deus e à música. Brunora, dessas mulheres de raras qualidades que compõem a mãe ideal, educou-o com todo esmero, enquanto o pai, gênio difícil, era um ausente. Ela dizia: “Se os meninos fossem obedientes a milésima parte do meu Gaspar, bastaria para tornar felizes os pais e os professores”.

Sempre apontado como aluno modelo, completou seus estudos, até o fim da filosofia, na escola dirigida pelos jesuítas. Aos 19 anos (1796) sentiu na pele os efeitos da invasão militar de sua cidade pelas tropas de Napoleão Bonaparte (Revolução Francesa), em guerra contra a Áustria, tendo por campo de batalha Verona. Alistou-se entre os Irmãos Hospitaleiros como voluntário na assistência aos feridos da guerra. Aos 20 anos (1797): o levante dos veroneses contra os dominadores, e a retomada da cidade por Napoleão, com as conseqüentes represálias que lançaram os ricos na pobreza e os pobres na penúria. Aos 21 anos (1798), derrotado Napoleão, veio a dominação austríaca. Em 1800, nova batalha dividiu a cidade entre os dois contendentes. Tempos difíceis e angustiantes para a sofrida população. Meninos e meninas com as escolas fechadas pelas situações de guerra, andando soltos pelas ruas e roubando o que comer.

II. Sacerdote

Em tempo tão difícil, grande abalo moral atingiu a família Bertoni: o pai forçou a separação matrimonial e saiu de casa. Gaspar sofreu amargurado, mas caminhou a passo firme e cheio de fervor para a ordenação sacerdotal, aos 20/09/1800. Continuou a dar assistência nos hospitais. Deu-se mais à catequese. Muito procurado para confissões e direção espiritual. Fundou um círculo de estudos para levar colegas a se aprofundarem na doutrina e na Bíblia. Pregava o Evangelho ao povo, meditações aos seminaristas e retiros espirituais aos sacerdotes mais necessitados de renovação interior diante do relaxamento trazido pelas idéias liberais da Revolução Francesa que erguia a insinuante bandeira da “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. Deu-se de corpo e alma à promoção dos meninos de rua, fundando para eles em 1802 o Oratório Mariano, com a ajuda de alguns colaboradores entre sacerdotes, seminaristas e leigos. Incutiu-lhes na mente: “Tempos maus são oportunidades de heroísmo e campo aberto ao Evangelho!” Começou com 8 meninos. Em pouco tempo eram 400 que passavam o domingo no Oratório com as instruções, cantos, orações e, à tarde, esportes. Questão de honra: durante a semana, uma ocupação útil com trabalho e/ou estudo. Não se tolera o desocupado.

Os Oratórios estenderam-se a todas as comunidades paroquiais da cidade e da diocese. Pelos filhos a obra atingiu os pais, e aconteceu o que ninguém esperava: a recuperação dos bons costumes na sociedade toda.

Qual o segredo de tanto êxito? O carisma de Pe. Gaspar, que conquistava os rapazes; a missa diária preparada com a Liturgia das Horas e meia hora de meditação; o terço com a comunidade e o povo; e horas da noite diante do Sacrário. A mãe precisava intervir para moderar suas abstinências, acrescentar uma colher de comida em seu prato e obriga-lo a não deitar tão tarde.

III. Fundador

A Igreja dos Estigmas reduzida a oficina de guerra por Napoleão jazia abandonada e em péssimo estado. O pároco ofereceu-a ao Pe. Gaspar, que a recebeu como dádiva do céu e lá entrou aos 4/11/1816 com Pe. João Maria Marani e Irmão Paulo Zanolli, dando início à Congregação dos Estigmatinos na mais inimaginável pobreza. Um dos cômodos contíguos à igreja servia de noite para dormitório e, de dia, como escola gratuita para meninos. Contrataram um pedreiro para as reformas da igreja e da casa. Só pedreiro. Porque eles, de casa, se revezavam como serventes. No fim do ano entrou Pe. Ângelo Gramego. No ano seguinte, Pe. Mateus Farinati e Pe. Caetano Brugnoli. A Congregação crescia aos pingos porque a vida nos Estigmas era por demais sacrificada. Pouquíssimos se aventuravam.

Pe. Gaspar, aos afazeres já assumidos, acrescentou a direção espiritual do Seminário Diocesano; o cargo de examinador das vocações sacerdotais; como tal, ele nunca induziu ninguém a segui-lo nos Estigmas; examinador provincial, responsável pela escolha dos párocos. Além do exemplo de sua grande intimidade com Deus, de desprendimento dos bens passageiros, de dedicação ao próximo, Pe. Gaspar deixou as mais impressionantes lições de união com Jesus Crucificado. Aos 35 anos teve febre miliar, que o levou à beira da sepultura. Recaiu em cada um dos dois anos seguintes. Chamava a doença Escola de Deus. Andou melhorando sem mais sarar completamente. Aos 45 anos (1822) uma gangrena na perna arrastou-o num longo martírio que lhe custou mais de 300 cortes a bisturi, quando a ciência desconhecia anestésicos. Nunca um lamento. Suportava os cortes rezando. De 1842 até a morte (1853) não saiu mais da cama, a não ser para a cadeira de rodas. E era nessa cadeira que toda sexta-feira ele dirigia a Via Sacra com o povo. Deitado, só conseguia mover-se com ajuda de outros. Um verdadeiro calvário. As dores eram tantas que chegava a dizer: - “Se soubessem que dor sinto, meus filhos, se soubessem! É tal a angústia que eu desesperaria, se Nosso Senhor não me ajudasse com sua graça.” Quando à noite necessitava mudar de posição, não chamava ninguém até que os outros se levantassem. Na manhã de 12/06 comungou como sempre e quis confessar-se. Recebeu a Unção dos Enfermos rodeado de seus filhos. Perguntaram-lhe: - “Padre, precisa de alguma coisa?”. - “Preciso sofrer”, foi a última palavra de um santo. O nosso santo.

Pe. Mário Zuchetto, css

Campinas, Outubro de 2002.